

A Máquina do Mundo

com Maria Filomena Molder

Jorge Molder. Fotografia da série História Trágico-Mantífrica, 1992



Agradecimentos:

Eduardo Jorge, Francisco dos Santos

31 de janeiro

“ao bravo gama a máquina oferta/
do mundo”*

7 de fevereiro

“drummond minas pesando não cedeu”*

14 de fevereiro

“dante com trinta e cinco eu com
setenta—”*

21 de fevereiro

“Agora, nós”

* Versos de *A Máquina do Mundo Repensada* de Haroldo de Campos, 2000.

Foi Camões a inventar em *Os Lusíadas* a expressão “máquina do mundo”. Ela apresenta-se através do relato profético – *cosmorama* e *geodese*, feitos e desastres dos portugueses, o desconhecido que espera os descobridores – de uma deusa ao jovem capitão Vasco da Gama. Quatro séculos mais tarde, Carlos Drummond de Andrade escreveu um poema em tercinas intitulado

precisamente *A Máquina do Mundo*. Aqui, não há mediações, a máquina entreabre-se numa *estrada de minas, pedregosa*, ao olhar desalentado do poeta, que a vê fechar-se para não mais. Já no século XXI, Haroldo de Campos compõe também em tercinas, mas rimadas à maneira de Dante, o poema *A Máquina do Mundo Repensada*, no qual se exercita uma rememoração de Camões, Drummond de Andrade, sob a égide da viagem da *Divina Comédia*. Regressamos à mediação e ao maravilhamento saturnino. A leitura dos versos dos quatro poetas tem em vista desenhar um inquérito sobre o que seja a máquina do mundo: talvez um nome para o segredo da vida.

Pediremos ajuda a outros poetas e também àquilo que alguns filósofos contam (seguindo o preceito de Montaigne: “je n’enseigne pas, je raconte”), e ainda às coisas ouvidas, vistas e lembradas que vêm ter connosco no dia a dia, confiando no acaso sem o qual (de novo Montaigne) nada de nobre se pode fazer. O momento é de perigo – caminhamos na *selva oscura* de Dante – e talvez seja a hora de um balanço.

“drummond minas pesando não cedeu”

Alguns anos vivi em Itabira. / Principalmente nasci em Itabira. / Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro. / Noventa por cento de ferro nas calçadas. / Oitenta por cento de ferro nas almas. / E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

Nestes versos do poema “Confidência do itabirano” de Carlos Drummond de Andrade (*Sentimento do mundo*, 1940) escutam-se os harmónicos que segregam a sua máquina do mundo, todos ligados a “drummond minas pesando não cedeu”. Pasmem-se com aquele advérbio, os da máquina também não nos deixarão sossegar.

Mas não chega. Será preciso embrenharmo-nos ainda mais nas palavras. Elas

não pertencem ao empírico, isso é o que de mais certo dizem Benjamin e Wittgenstein, e isso sabem-no os poetas, que têm de resgatar o empírico de tudo o que o enxovalha, desfigura e aniquila. O segredo da máquina entranha-se aí. Regressamos a Camões: *Vês aqui a grande Máquina do mundo*. Todas as orbes têm a Terra por seu centro. Drummond está na terra e dela não quer sair (mesmo que veja estrelas, marcianos, e o homem a chegar à lua).

Não é sem razão que no fecho da 1.ª Parte da *Máquina do mundo repensada* se lê: *e o ciclo ptolomaico assim termina...* Talvez (palavra tão própria de Drummond) da sua poesia a terra seja sempre o centro: *que não espero outra luz além da que nos envolveu / dia após dia* (“Os últimos dias”), e o presente, o modo: *O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, / a vida presente* (“Mãos dadas”).

Leitor e tradutor de Wittgenstein, Imre Kertész abala uma das crenças mais espalhadas: o sentido não existe no mundo. Ser assombrado pelo mundo, aceitá-lo e recusá-lo, desdenhar dele, torná-lo pior ou melhor, pode conduzir ao canto, à recitação. Drummond surpreende inumeráveis figuras desse sentido não existente no mundo. Como já Camões. Entre as suas máquinas é possível encontrar afinidades insuspeitadas, por discretas e atrevidas.

Maria Filomena Molder escreve de acordo com a antiga ortografia.